

Machado de Assis ou a recusa à memória

José Quintão de Oliveira*

Resumo

Machado de Assis poderia ter sido um grande memorialista, como mostra “O velho Senado”, página de saudade engastada nas **Páginas recolhidas**. No entanto, não foi. Por quê? Isso provoca algumas outras questões como: o que lembra e o que esquece o escritor? Como o esquecido e o lembrado se apresentam em sua obra? Essas são algumas das perguntas que orientam a busca pelo motivo do memorialismo nos seus livros.

Palavras-chave: Machado de Assis; Memorialismo; Lembrança; Esquecimento.

Machado de Assis – é do conhecimento geral – praticamente não deixou escritos memorialísticos ou autobiográficos. Refratário a falar de seu passado, sobretudo da infância e adolescência pobres, o criador de Brás Cubas era, no entanto, bastante afeito à escrita na primeira pessoa. Isso provoca perguntas quanto às suas motivações profundas – quase sempre inacessíveis ao leitor –; e quanto às formas que essa ausência (ou presença insuspeitada?) tomou em sua obra.

Nas páginas seguintes se perseguirá nessa obra machadiana as marcas deixadas pelo motivo memorialístico na sua dupla condição de ausência manifesta ou de suspeitada presença, oculta pelo ato da escrita.

A memória sonogada

Machado de Assis poderia ter sido um grande memorialista. Conforme

* Universidade Federal de Minas Gerais. Este trabalho foi produzido com cobertura de uma bolsa da Fapemig, à qual se consigna os devidos agradecimentos

anota Brito Broca, o escritor

que possuía legítima vocação para o gênero, a instâncias de José Veríssimo, deu-nos apenas essa página modelar, “O velho Senado”, verdadeira obra-prima, mas muito pouco para quem podia escrever dois ou mais volumes de recordações. Seus escrúpulos o impediam de realizar uma obra de caráter confessional. (BROCA, 1961, p. 5)

Essa “página modelar” de que fala Broca é uma sutil crônica de saudade engastada nas **Páginas recolhidas**. Não obstante essa resistência ao memorialismo, o autor de **Esau e Jacó** manteve uma relação bastante intensa com a escrita que Antonio Candido chamou “literatura pessoal” (1987, p. 54), isto é, caracterizada pelos motivos das memórias e da autobiografia em suas variadas formas.

Aliás, a sua obra romanesca constitui, em si, um desafio à reflexão quanto à questão da pessoa gramatical na narrativa; cindindo-se em escritos distintos, da primeira e da terceira pessoa. Claro está que – a lembrar àquele que lê que se trata de Machado de Assis – essa simples divisão não constitui em si uma explicação ou caminho seguro à compreensão. Longe disso. Parece que esse foi mais um dos recursos à mão do bruxo velho, para auxiliá-lo na deliciosa tarefa auto-atribuída de embair o leitor.

As primeiras pessoas

Narrado na terceira pessoa, o romance **Esau e Jacó** torna-se uma narração memorialística, uma espécie de primeira pessoa disfarçada, a partir da escrita marginal da “Advertência” que abre o livro e, mais tarde, pela publicação da obra que o sucede, **Memorial de Aires**, francamente apresentada como uma obra de memória em forma de um diário que teve sua escrita “decotada de algumas circunstâncias, anedotas, descrições e reflexões” (ASSIS, 1962, p. 1096), como informa a “Advertência” inicial, assinada por M. de A.

Esse **Memorial de Aires** foi, para Brito Broca, um livro em que o autor:

pôs muito de si, da imensa solidão que o envolveu e que aceitou, estoicamente, depois da morte da esposa. O

substrato autobiográfico é visível. O Conselheiro Aires encarna a tristeza resignada, a filosofia de conformação de Machado de Assis, já velho e só no mundo. (1957, p. 59)

Essa afirmação do autor de **Machado de Assis e a política** é mais ou menos consensual dentre uma parcela expressiva dos leitores especializados e não será aqui confrontada ou apoiada, apenas se a registra como uma visada de si importante à reflexão sobre a escrita machadiana. Certo é que a ficção inscreve muito da personalidade do escritor na figura do Conselheiro Aires, que, não por acaso, reivindica as posições de narrador e de autor textual, escamoteando o escritor, ou, substituindo-o plenamente; condição que o habilita a ser visto talvez como um *alter ego*. Porém, quer-se destacar acima de tudo o seu aspecto de memorialismo factício, pelo qual se une às **Memórias póstumas de Brás Cubas** e **Dom Casmurro**, tornando a narrativa em primeira pessoa altamente dominante – numa proporção de quatro para um – entre os romances da maturidade literária machadiana, no qual apenas **Quincas Borba** é integralmente uma narrativa na terceira pessoa. O narrador machadiano oferece-se ao leitor, em substituição ao outro, de carne e osso, que permanece oculto, tão escrupulosamente, que mesmo ao se fazer ficção nega a o leitor, que é posto face a um ser de palavras tão evanescente e intangível quanto seu criador.

Algumas perguntas muito interessantes poderiam ser formuladas neste ponto: porque deixou um escritor tão profícuo, e tão afeito à narrativa em primeira pessoa, tão poucos textos memorialísticos? Nos seus poucos registros do gênero, a quem relembra Machado? E, acima de tudo: a quem não relembra? O que revelam – e o que poderiam revelar – os ditos e os não ditos desse memorialista que preferiu calar-se? Que fantasmas e ossos guardam seus baús, que até mesmo as entrelinhas querem omitir? É provável que os seus escritos não ofereçam respostas a muitas dessas perguntas, mas, talvez, lendo-os, seja possível descobrir, ou pelo menos vislumbrar, algumas das suas omissões e algumas das marcas que deixaram naquilo que foi dito. É o que se projeta fazer, ao mesmo tempo em que se ausculta também àqueles que, a exemplo de Brito Broca, atentaram ao motivo memorialístico na obra de Machado de Assis.

É de todos por demais conhecido o pudor do escritor em falar da sua

vida pessoal. Aparentemente, dedicou-se à tarefa de construir-se como figura pública, numa espécie de estratégia da aranha, urdindo uma teia a isolar o ser humano da imagem construída, estátua de carne e osso – uma espécie de *êdolon* platoniano – a substituí-lo e a ofuscar os olhares indiscretos ou admirativamente curiosos dos leitores.

Transbordamentos do eu

Apesar de tudo, talvez seja possível localizar afloramentos memoriaísticos, ou, para melhor dizer, de rememoração, espalhados pela obra do Bruxo do Cosme Velho. Segundo diz Lúcia Miguel Pereira no seu livro **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**, ainda hoje fonte indispensável ao estudo do autor: “Esse homem tão recatado, tão cioso da sua intimidade, só teve um descuido, só deixou uma porta aberta: seus livros. São eles que nos revelam o verdadeiro Machado.” (1988, p. 22). É aí, portanto, que ele deve ser procurado. Assim, entre as páginas de crítica literária, poemas, contos e mesmo nos romances, de alguma maneira – enviesada, certamente, como é da natureza desse autor tão complexo –, talvez seja possível a um olhar mais atento recuperar marcas do passado, dos fatos e das pessoas que de alguma forma partilharam da sua existência.

Em um rodapé no **Diário do Rio de Janeiro**, datado de 17 de julho de 1864, Machado escreve:

Como estou no capítulo das descobertas, mencionarei mais outra que fiz esta semana... nas mãos de um amigo de infância, que já tinha feito anteriormente. Este gênero de descobrir não é novo.

A descoberta foi o original do testamento do cônego Felipe. (1938, p. 52)

E, mais à frente, continua: “Nas minhas reminiscências da infância, tenho ainda viva a ideia de ter visto, quase diariamente, a tela a que alude a anedota do cônego e do pintor¹; lá estava a árvore, atrás da qual o cônego figurava estar escondido para não ser visto de Suzana.” (ASSIS, 1938, p. 52)

Lúcia Miguel Pereira afirma que essa crônica é “o único documento conhecido em que Machado de Assis fala abertamente, sem rebuços, da sua

1- A anedota citada por Machado conta do pintor que vendeu o referido quadro ao cônego,

infância.” (PEREIRA, 1988, p. 33). E, além de falar da infância, fala ainda de “um amigo de infância”. Quem seria? Alguém da família da madrinha, dona Maria José de Mendonça Barroso, descendente da família do cônego? Por que escreveu essa pequena defesa da personagem objeto de chacota? Homenagem à memória da madrinha, ou de algum descendente vivo?

Alfredo Pujol reproduz alguns versos que, segundo informa, seriam parte de um poema que o escritor dedicara à mãe:

Se devo ter no peito uma lembrança,
É dela, que os meus sonhos de criança
Dourou: é minha mãe.
Se dentro do meu peito macilento,
O fogo da saudade me arde lento,
É dela: minha mãe.
(ASSIS *apud* PUJOL, 1917, p. 4)

Também à irmã, morta ainda infante, homenageou:

Esse invólucro mundano
Trocaste por outro véu;
Deste negro pego insano
Não sofreste o menor dano,
Que a tua alma era do céu²...
(ASSIS *apud* PUJOL, 1917, p. 4)

Lúcia Miguel Pereira também cita esses versos; tentou localizá-los em sua fonte original, porém não conseguiu encontrar os números da **Marmota Fluminense** em que teriam sido publicados, e Machado não os recolheu em nenhum dos seus livros. Observe-se que o poeta fala de duas pessoas mortas quando era ainda criança. Mãe e irmã amadas, certamente, mas de um amor retrospectivo, que, aos dezessete anos, é muito mais convencionalismo poético que auto-expressão afetiva; como provavelmente o eram também as mulheres a quem dedicou versos, como aquela do poema “Ela”, registrado como primeira publicação de Machado. A outra, a mãe concreta, postiça e mulata, Maria Inês, “boa e inquieta madrastra, antes mãe cuidosa e

convencendo-o (sem muito esforço, aparentemente), de que o pintara no quadro, escondido atrás da tal árvore, para poder, discretamente, desfrutar da beleza da Suzana desnuda. Esse cônego aparece ainda num poema de Álvares de Azevedo, a que nomeia, na segunda parte da **Lira dos vinte anos**. Era personagem popularíssima por sua singeleza de espírito.

2- Em todos os textos antigos anteriores às normas ortográficas vigentes atualizou-se a ortografia preservando-se a pontuação original bem como as iniciais maiúsculas.

caroável” (SANTOS, 1908, p. 2), sua madrasta pelas segundas núpcias do pai, ainda viva a essa época, como sustentam o artigo do professor Hemetério dos Santos³ e o testemunho de Coelho Neto (PEREIRA, 1988, p. 124), permaneceu oculta, ao que parece, nunca mencionada.

Eu conheci essa boa mulata velha, comendo de estranhos, com amor, e conforto máximo, chorando, porém, pelo abandono nojoso em que a lançara o enteado de outr’ora, nunca mais a procurando desde a sua mudança de S. Christovão, lugarejo de operários, para o opulento nicho de glória nas Larangeiras. (SANTOS, 1908, p. 2)

Inúmeros outros textos de Machado de Assis podem ser tomados como expressão da literatura pessoal, por exemplo o poema “A Carolina”, dos versos famosos:

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.
(ASSIS, 1962, p. 658)

Esse poema é dedicado à mulher falecida, e nele o poeta reconstrói a figura da amada através da recuperação das pequenas coisas do cotidiano, que são evocadas não através da sua enumeração direta, mas pela singeleza da linguagem. O amigo Artur de Oliveira é evocado em uma crônica e em um poema. Outro amigo, Joaquim Nabuco, também por mais de uma vez é referido, tal qual seu irmão mais velho, Sizenando. Entretanto, o parco memorialismo do Bruxo do Cosme Velho certamente não reside aí, mas nas crônicas em que rememora o passado de notáveis figuras públicas, como o livreiro Garnier ou os políticos de nomeada referidos na crônica dedicada ao velho Senado. Essa rememoração que aparentemente se recusa a iluminar aqueles que teriam merecido o afeto do escritor, sobretudo os que o amaram e protegeram na infância, parece, muitas vezes, voltar-se

3- Esse artigo do Prof. Hemetério, intitulado “Machado de Assis”, com um subtítulo que anota sua condição de carta dirigida ao escritor Fábio Luz, muito lembrado, foi publicado na **Gazeta de Notícias**, e republicado no **Almanaque Brasileiro Garnier**, da livraria do mesmo nome, para o ano de 1910. Não consegui localizar essa última publicação na Biblioteca Nacional e (ainda) em nenhum outro acervo.

preferencialmente àqueles já muito iluminados pelas luzes da história e pelas pompas do mundo.

Muitas vezes, no decorrer de uma crônica, encontram-se, inesperadamente, trechos como: “Tudo isto, se não é claro, traz-me recordações da infância, quando eu ia ao teatro ver uma velha comédia de Scribe, ‘O chapéu de palha da Itália’.” (ASSIS, 1962, v. 3, p. 573-574). Mas logo, escrupuloso, o escritor estanca o fluxo das recordações e a crônica segue, permanecendo o véu que ameaçara de leve erguer-se.

Para Lúcia Miguel Pereira, a obra de Machado de Assis foi um “transbordamento do eu, traindo quase sempre os pontos de mira desse ambicioso, os ideais que queria alcançar – e alcançou – na existência real.” (PEREIRA, 1988, p. 23). **Iaiá Garcia**, de 1878, talvez encerre uma “fase inicial”, uma “primeira fase”, como a têm chamado muitos dos seus críticos; certo é que encerra um ciclo do orgulho, reiteradamente tematizado, juntamente com a questão da ambição, do arrivismo e do agregamento às casas ricas como estratégias de sobrevivência e/ou de ascensão. Os três últimos motivos permanecerão e se mostrarão grandemente produtivos na novelística machadiana. O orgulho porém parece um motivo esgotado ao alcançar o autor a plena maturidade literária. Sempre se pode perguntar onde terá Estela, a madrastra de Iaiá, aprendido tamanha altivez? Ou, quanto haverá de Machado de Assis no Luís Garcia, pai dessa mesma Iaiá?

A Guiomar, de **A mão e a luva**, como Machado de Assis, afilhada e agregada de baronesa, já foi apontada por mais de um leitor como uma espécie de versão de Machado em saias, corpinho e ambição. Aliás, a madrinha de Guiomar, assim como a D. Antônia, de “Casa velha”, são ambas donas de solares com capela, como aquele em que foi batizado o escritor, de propriedade da sua madrinha, D. Maria José. Esse tipo de autoinscrição do autor na escrita é apontada por dezenas, centenas de críticos, além de Lúcia Miguel Pereira.

Ou, como expressou Guilhermino César: “Machado de Assis, sem ter escrito um livro de memórias, foi talvez o ficcionista brasileiro décimo-oitocentista que mais sugestivamente refletiu a sua própria ascensão na hierarquia social do tempo do Império.” (CÉSAR, 1978, p. 627). Não é, porém, possível deslindar da literatura a vida concreta, pelo aspecto

mesmo de transposição necessário à consecução da obra. O mesmo se dá com o **Memorial de Aires**, como já se disse, calcado nos diários do escritor, como mostra o estudo de Maria Helena Werneck⁴, corroborando Brito Broca. Porém, ao se inscrever na literatura, Machado não se revelou, ao contrário, velou-se em personagens, transfundiu a vida concreta em literatura, negando-se ao leitor como pessoa carnal, ofertando-se-lhe em espírito e letra, como é da natureza da arte.

Últimas palavras

Diz o casmurro Bentinho, ou melhor, dr. Bento Santiago, sobre o seu projeto literário: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência.” (ASSIS, 1962, p. 810). Machado de Assis, ao contrário, escolheu deixar desatadas essas pontas. Afinal, a velhice do escritor consagrado, estátua em vida, reconhecido ainda antes dos 50 anos como maior escritor nacional, o que teria a atar com a infância e adolescência do moleque descalço, agregado filho de agregados, do Morro do Livramento? Havia a separá-los um monumento literário e a escondê-los, ambos, uma obra, cujas pontas podem – e devem – ser atadas, ao contrário das pontas da vida. Não as uniu o escritor e é vão empreendimento tentar o leitor fazê-lo em seu lugar.

Antonio Candido, num luminoso ensaio – “Esquema de Machado de Assis” – observa que a vida de Machado de Assis “é sem relevo comparada à grandeza da obra, e que interessa pouco, enquanto esta interessa muito.” (2004, p. 17). Realmente, considerando-se o aspecto literário, isto é, relativamente à efabulação ou às significações, tem toda razão o mestre da crítica. Ocorre, porém, que o leitor, esse animal estranho, não se guia apenas pela razão, e, em consequência, a curiosidade pelos dados sobre o autor é quase inextinguível, especialmente quando se trata deste de quem aqui se fala, cuja importância é proporcional à sua habilidade em sonegar-se aos olhos curiosos, ao mesmo tempo em que se mantém onipresente na sua obra, absorvente e desdenhoso – sorvedouro insaciável. Talvez por isso, segue Machado sendo o mais biografado dos escritores brasileiros e, ao que

4- WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado**: Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: UERJ, 1996

parece, muita tinta ainda será gasta em revelações (pouco prováveis) sobre sua vida e em infundáveis especulações.

Abstract

Machado de Assis could have been a great memoirs writer as shows “O velho Senado”, a reminiscent page enclosed in his book **Páginas recolhidas**, but he was not. Why? Above all: what reminds, and what forgets the writer? How the ones reminded and the forgotten ones reflect in his books? These questions guide the search for the matter in his works.

Key words: Machado de Assis; Memoirs; Reminiscence; Forgetfulness.

Referências

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. 3 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1962.

ASSIS, Machado de. **Chronicas**: v. 2: 1864-1867. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.

BROCA, Brito. Apresentação. In: SALLES, Joaquim de. **Se não me falha a memória**. Rio de Janeiro: São José, 1961. p. 5-8.

BROCA, Brito. **Machado de Assis e a política**. Rio de Janeiro: Simões, 1957.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CÉSAR, Guilhermino. Memorialismo no Brasil. In: COELHO, Jacinto Prado. **Dicionário de literatura**. v. 2. 3 ed. Porto: Figueirinhas, 1978. p. 627-628.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudos críticos e biográficos**. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis**: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. São Paulo: Typographia Brazil, 1917.

SANTOS, Hemetério dos. Machado de Assis: carta ao Sr. Fábio Luz. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 29 nov 1908. p. 2.